Vila Rica do Espírito Santo

A PROPÓSITO DE UMA TELHA

(O Museu "Campos Gerais", de Ponta Grossa, teve as suas coleções enriquecidas com a oferta de uma telha encontrada no local onde existiu a Vila Rica do Espírito Santo, no nosso atual Estado do Paraná. Trata-se de uma telha goiva, que não apresenta quasi diferença das modernas, o que prova a excelência da cerâmica de antanho).

Naquele brumoso fim de século XVI continuava ainda a confusão sobre a divisão desta parte do continente americano entre os dois grandes reinos ibéricos. A doação que o Papa Alexandre VI fizera à Espanha em 1493 (Bula de 4 de maio), usando do direito de (tudo ligar e desligar no Céu e na Terra), desgostou a Portugal. De nada valeram os seus protestos junto ao Papa e o caso seria decidido pela força, si não tivesse a Espanha, com habilidade, propôsto um entendimento direto, que apresentou uma aparente melhoria de condições para os portugueses.

Esse entendimento resultou no tratado de Tordesillas (7-6-1494).

As medições necessárias à determinação exata das fronteiras nunca foram feitas, pelo simples motivo que ninguém as sabia fazer: a ciência ainda desconhecia o processo de medir, com exatidão, as longitudes. (Romário Martins — História do Paraná).

Na melhor das hipóteses, para Portugal, a linha demarcatória correria um pouco a leste de Belém, ao Norte, e da Laguna, ao Sul, mas, por seu lado, os espanhóis eram de opinião que na altura de Iguape acabava o domínio lusitano.

Sómente vantagem haveria para Portugal em conservar indecisa a sua fronteira no Sul, dando-lhe assim possibilidades de, aos poucos, dilatar as suas lindes para o oeste. Mas, positivamente o que pretendiam os de Castela, Alvaro Nunes Cabeza de Vaca desembarca em 1541 em Santa Catarina e baptisa o local como "Terra de Vera" e a nossa histórica Paranaguá tem a sua baía indicada em mapas da época, como "Bay de la Corona de Castilla".

Um século depois de Tordesillas continuava ainda essa indecisão, que, praticamente, desapareceu temporariamente, em vista da encampação da coroa portuguesa pelo trono dos Felipes. Nesse interregno de 1580 a 1640 surgem os bandeirantes paulistas, que à custa de suor e de sangue, com segundas intenções ou não, conseguiram ampliar, nessa parte, o território que seria mais tarde a grande pátria brasileira, porque o povoamento pelos portugueses, até então, se limitava, no planalto, ao estabelecimento de Piratininga.

Os castelhanos, entretanto, na firme convicção de seus direitos, haviam se estendido para leste. Atravessando o rio Paraná, fundam Ontiveros junto à foz do Piquiri, Ciudad Real de Guayra e, finalmente, em 1576 Vila Rica do Espírito Santo, na confluência do Corumbataí no Ivaí.

A zona compreendida pelos rios Paraná, Paranapanema, Tibagi e Iguacú foi denominada Território de Guayra, administrado pela Província do Rio da Prata, do Vice-Reinado do Perú e em 1617 foi le-

vada à categoria de Província, com dois "pueblos", pois que Ontiveros teve vida efêmera.

Diz o Padre Gay em sua "História Jesuítica do Paraguai" que só a comarca de Vila Rica abrigava "mais de 200.000 guaranis nas margens dos rios e das montanhas como nos campos e pinhais que se estendiam até São Paulo, povoação do Brasil."

Os espanhóis, entretanto, reduziram à servidão milhares de índios, o que provocou uma atitude de insubmissão, de represálias e de vinganças de parte dos indígenas.

Hernando Arias Saavedra, governador do Paraguai, depois de ter batido os índios dos Pampas e do Grão Chaco, atacou os de Guayra, mas foi infeliz, pois fracassou em toda a linha, com enormes perdas. É, então, que surge a figura lendária do cacique Guayracá, enfrentando denodadamente os espanhóis e proferindo a frase que atravessou séculos:—"esta terra tem dono".

Desanimado, Saavedra propõe a Felipe III que a pacificação e conversão dos índios da Província de Guayra fôsse realizada pela Companhia de Jesús, o que foi aceito pela Carta Régia de 1608.

Assim têm início as célebres "reduções", que logo atingiram a 13, sistema pelo qual os índios foram reduzidos pelas diligências dos padres a povoações grandes e à vida política e humana, como definiu Montoya. Na redução de Santa Maria Maior foi impressa a "Arte y Vocabulario de la Lengua Guarani" escrita pelo Padre Montoya, vale dizer que foi em território paranaense que a imprensa começou a aparecer na América.

As povoações de Guayra e Vila Rica continuaram, porém, sob o domínio espanhol. Mas, os bandeirantes paulistas, em suas sortidas periódicas, foram destruindo não só as reduções como os "pueblos", até que em 1632 chegou a vez de Vila Rica, com uma população de 4.500 habitantes, sitiada que foi por Antonio Rapozo Tavares.

A defesa foi dirigida pelos mestres de campo Francisco Benitez e Ruy Ortiz Melgarejo, por capitães de guerra e alferes reais e por membros do cabildo vilariquenho. O bispo do Paraguai, D. Fray Cristobal de Aresti com grande dificuldade se transportou à Vila Rica, aparecendo nos pontos mais atacados com um crucifixo na mão, no intuito de animar os combatentes. "Ao seu lado formavam o seu secretário armado de escopeta e quatro sacerdotes "com sus alfanques" (Afonso E. Taunay — História das Bandeiras Paulistas).

Verificada a inutilidade da resistência, os vilariquenhos abandonaram a cidade e transpuzeram o rio Paraná.

Dessa forma teve fim o domínio espanhol na Província de Guayra.

Cento e trinta e oito anos depois, em 1770, um bandeirante curitibano, Francisco Lopes, explorando os sertões de Guarapuava até Iguatemi, encontrou as ruínas de Vila Rica, restos de casas e de igrejas, de fundições, olarias e moinhos e árvores frutíferas que não pertenciam à flora da região. Pela área de seu arreamento, julgou-a maior do que Paranaguá.

Quasi um século mais tarde, 1865, o engenheiro Keller, que chefiava uma missão de estudos, visitou o local e diz em seu relatório: "Pelo que mostram as ruínas, fôra a cidade construída regularmente, com ruas bem alinhadas, cruzando-se em ângulos retos. As casas eram na maior parte, si não tôdas, feitas de taipa (terra socada) e cobertas de telhas, de que se encontram fragmentos alastrando o interior dos retângulos formados pelos restos das paredes, reduzidas hoje a montes da altura de um metro mais ou menos, com taludes de terra desmornada.

Nos vestígios da igreja, que se acham num canto da praça no centro da cidade, os montes de taipa têm altura dobrada dos outros e sobre eles nasceu um enorme monjoleiro. Encontram-se na entrada da cidade escórias e outros indícios de ter havido ali uma fundição de ferro, mineral abundante nas vizinhanças."

Atualmente, a mata virgem domina o local onde floresceu Vila Rica, tão pujante como quando de sua fundação por Melgarejo.

Novos bandeirantes a estão trilhando, não para prear índios ou à cata de minas mas para explorar a terra generosa com o trabalho fecundo das lavouras.

Júlio Bittencourt

Bibliografia: História do Paraná — Romário Martins — História do Brasil — Rocha Pombo.